



Os Kaingang de Palmas

Gustavo Anderson¹

“Assistimos nessas sobreviventes da borda Caingangue de Palmas às últimas etapas da sua transição para a cultura sertaneja; cada vez se torna mais difícil a individualização dos elementos indígenas, e queremos crer que, se fatores externos não continuarem a influenciar decisivamente no isolar desses remanescentes, dentro em pouco, dada perda total de sua cultura, serão autênticos caboclos”.

José Loureiro Fernandes²

A exposição Indígenas do Paraná foi concebida pelo Círculo de Estudos Bandeirantes — CEB para apresentar alguns materiais do acervo permanente de José Loureiro Fernandes, um dos fundadores do CEB. Loureiro foi médico, professor e antropólogo e teve contato com diversas comunidades nativas do Paraná, além de lutar em favor da delimitação de terras para estas populações.

O material que agora faz parte desta edição da Revista do CEB compôs a exposição e nele figuram textos do Cientista Social (com ênfase em Antropologia) Gustavo Anderson e fotografias dos trabalhos de campo de José Loureiro com as populações Kaingang, da região de Palmas, e Xetá, da região da Serra dos Dourados.

O grupo étnico Kaingang (chamados também de Coroados, como eram conhecidos em razão da semelhança dos seus cortes de cabelo às “coroas” — lacunas capilares — dos frades franciscanos) ocupa uma grande porção territorial que se estende de São Paulo ao Rio Grande do Sul, sendo que os maiores assentamentos destes grupos se situam mais na região sul do Brasil. Segundo o Instituto Socioambiental, índices censitários apontam que há aproximadamente 25 mil Kaingang ao longo de 32 terras indígenas reconhecidas — estejam as demarcações homologadas ou não e no caso das que ainda não estão homologadas juridicamente, isto se deve ao fato de que as terras muitas vezes passam por um conflito violento com o interesse de grandes latifundiários. Com isto em conta, estima-se que o montante populacional Kaingang seja até maior, visto que é difícil mensurar demograficamente os indígenas que vieram a evadir destas terras indígenas no decorrer do tempo.

A língua Kaingang, de acordo com o linguista Aryon Dall’Igna, pertence à família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê. Ademais, sabe-se da existência de uma diferença de cinco variações dialetais ao longo de sua distribuição geográfica.

O histórico do contato entre os Kaingang e colonizadores ocidentais data do século XVI, inicialmente ocorrendo com os primeiros portugueses que desembarcaram na costa atlântica da América do Sul e, em sequência, com as reduções jesuíticas espanholas que se instalaram numa grande parcela do território

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Mestrando em Antropologia pela UFPR. Estudioso da vida e da obra de José Loureiro Fernandes.

² *Os Cainganges de Palmas*, 1941.

oeste brasileiro, principalmente do Sul, a partir do Tratado de Tordesilhas. No entanto, há de se ressaltar que o contato com os colonizadores da Península Ibérica nunca foi benéfico para os Kaingang. Doenças trazidas da Europa dizimaram grande número de suas populações. Além disso, muitas das investidas de conquista territoriais coloniais foram violentas (mesmo por meio dos que se diziam catequistas) e resultaram na dispersão desses povos pelas matas, dissolvendo a fixidez dos territórios Kaingang historicamente assentados antes da chegada dos brancos. Em suma, no decorrer da história colonial do Brasil, sempre expansiva e repressiva, a cultura Kaingang foi fragmentada e assumiu características particulares dependendo do grupo Kaingang analisado e suas respectivas circunstâncias históricas e territoriais.

Em um artigo de 1941, José Loureiro Fernandes, membro do Círculo de Estudos Bandeirantes, versa que os Kaingang de Palmas (região dos Campos Gerais próximos a Guarapuava), por exemplo, exibem traços físicos e culturais comuns ao segmento social convencionalmente atribuído como “campesino”. O Posto Indígena de Palmas e o Toldo das Lontras (hoje terras indígenas já homologadas), locais que Loureiro visitou com a companhia do arqueólogo Oldemar Blasi, claramente exibiam essa miscigenação com a população cabocla que ali residia, pois notava-se que, além da estrutura de moradia configurada em vilarejo, esses índios usavam chapéus e vestimentas típicas do povo sertanejo.

Tão embora Loureiro estivesse cercado pelo imaginário do fenômeno da aculturação, em alta na corrente antropológica da época, ele, com certa clarividência, se concebê-la a partir de seu contexto e de seu tempo, percebeu que mesmo com as apropriações culturais que fizeram a partir do contato com não índios, os Kaingang mantiveram distintos muitos dos seus modos de fazer e pensar de outrora: independente da recente incorporação de instituições ocidentais como a escola primária e das casas feitas de madeira, não tinham abandonado as choupanas com folhas de palmeiras, tampouco abriram mão de suas práticas rituais, suas pinturas corporais e a suas maneiras de estabilidade calcadas mais na caça e coleta do que na agricultura.

A estada entre os Kaingang de Palmas também foi o momento mais notável da produção textual de José Loureiro, em que ele conciliou os conhecimentos advindos da medicina com os da antropologia física.

Referências

FERNANDES, José Loureiro. Os Caingangues de Palmas. In: **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, v. I, p. 161-229, 1941.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Kaingang**. Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes**. 1981 [1944]. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/local--files/biblio:nimuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg>. Acesso em: 17 out. 2017.

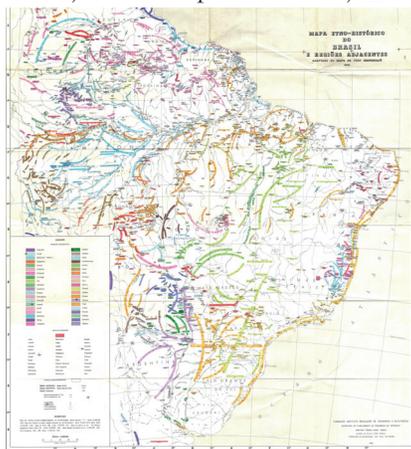


Figura 1 — Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes
Fonte: NIMUENDAJÚ (1944/1981).



Figura 2 — Loureiro Fernandes ausculta e mede a pressão das mulheres Kaingang. Ao fundo seu discípulo, o arqueólogo Oldemar Blasi
 Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.



Figura 3 — Escola primária instalada no Posto Indígena dos Kaingang de Palmas
 Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.



Figura 4 — Refeitório do Posto Indígena de Palmas
 Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.



Figura 5 — Posto Indígenas de Palmas
Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.



Figura 6 — Loureiro Fernandes posa para fotografia ao lado de cablocos da região do entorno do Posto Indígena de Palmas
Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.